

**COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO  
VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NAS FACULDADES  
PAULISTAS**

**PRESIDENTE  
DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**

**24/02/2015**

**COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO****BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****24/02/2015**

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** ...do Show Medicina, por favor? Vamos começar a trabalhar? Comunica à Dra. Vânia Balera, por favor. Vamos falar com a Dra. Vânia direto e com o diretor da faculdade. Vamos abrir isso aqui.

Vamos lá? Vamos pôr o Show Medicina? Pede para o Danilo... Koba, cadê o Show Medicina, que nós acabamos de receber? Vamos lá. Vamos começar a trabalhar. Não, não vou apagar a luz (ininteligível).

Pega a carta do Rodrigo Bolini, que ele mandou pela Internet. Vamos ler a carta do Rodrigo Bolini e a contestação. Vamos lá.

Comissão Parlamentar de Inquérito. Violações dos Direitos Humanos nas Faculdades Paulistas. Declaro aberta a 26ª reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito, constituída pelo Ato nº 56, de 2014, com a finalidade de investigar as violações de direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das universidades no Estado de São Paulo, nos chamados trotes, festas e no seu cotidiano acadêmico. Com a presença da Deputada Sarah Munhoz e Adriano Diogo na presidência, damos início aos nossos trabalhos.

Bom, eu queria sugerir duas coisas. Primeiro, que a gente tivesse acesso àquele texto, que o Rodrigo Bolini mandou, através da Internet, para que façamos a leitura e a devida contestação. E o CD do Show Medicina, queria pedir os últimos cinco CDs do Show Medicina, em particular o último, para que nós acolhamos como documento oficial desta CPI, colocar nos autos, para acusar o recebimento. Vamos ver.

Quero informar que os advogados, embora não tenham trazido as... Eu quero o nome dos meninos que estavam convidados para vir hoje e que, sistematicamente, estão se negando a comparecer. E comunicar aos senhores advogados que apresentem a procuração e todo o acesso aos autos está franqueado. Não tem nenhum documento sigiloso. Se houver algum documento que não está nos autos, é porque ele não vai constar do processo. Essa é a definição.

E vamos continuar com toda transparência, não temos porque obstaculizar o caminho. Nós entendemos que essa obstaculização está ocorrendo por parte dos alunos, que estão com dificuldade de vir depor. Então, esses artifícios jurídicos, que são da legalidade, estão, mas nós vamos... Todos os autos estão à disposição dos senhores advogados, segundo orientação da Procuradoria. Agora, nós gostaríamos de ter um prazo para os senhores apresentarem as procurações dos alunos, que até

agora não foram apresentadas. Os senhores falam que são advogados do Show Medicina, mas, os alunos não estão sendo chamados enquanto Show Medicina, eles estão sendo chamados enquanto alunos, enquanto indivíduos.

Eu estou... Kimura, com a palavra. Não? Então, vamos aguardar a carta do Rodrigo Bolini, a contestação. E vamos comunicar ao diretor da Faculdade de Medicina e à Dra. Vânia Balera que continua a haver a dificuldade para que os alunos compareçam. Também peço que apareça o vídeo do menino escorregando na porta do SVO, que fica muito claro no vídeo, para que a gente incorpore aquele documento aos autos. Quando ele tropeçou e bateu na porta do Serviço de Verificação de Óbito, por acidente.

A justificativa do Dr. Ulysses Tassinari é que ele está recebendo o secretário estadual de saúde, Dr. David Uip.

Koba, vamos, enquanto isso... Ah! Você está com o HD aí? Já vamos começar?

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – *Hã?*

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O CD já está incorporado aí? O Show Medicina?

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – *Hã?* Não, eles não vieram, os meninos não vieram.

Olha pessoal, vamos seguindo a seguinte orientação, os alunos do Show Medicina...

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É. Os alunos, que não compareceram mais uma vez, são: Gabriel Fernandes Ribeiro, Diego Ubrig Munhoz, Murilo Germano Sales da Silva, Rodrigo Bolini de Oliveira Lima, Flávio Augusto Miorim, Willian Tetsuo Yamagata – Bittencourt, grande Bittencourt – Roberto Chagas dos Santos.

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – Como vai, presidente?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Grande Bittencourt. Estamos aqui, tentando sobreviver na CPI com dignidade. Estamos aguardando. O Dr. Ulysses está descendo, não é? Mas agora ele não virá.

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Dr. Kimura. Dr. Beneton. Venham para a Mesa. Venham para a Mesa. *Hã?*

**O SR.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos intimar de novo. Vamos intimar de novo. Vamos intimar. Mas, não vamos perder dia... Não vamos perder mais dia de trabalho na CPI, aguardando a vinda deles. Vamos intimar e, aí, eles fazem o agendamento, de acordo... Porque eles estão todos lá no HU, então, vamos ver quando que eles vão se dispor a vir, senão, nós vamos considerar... Vamos fazer o relatório do mesmo jeito para o procurador de justiça, para entregar para o Ministério Público. E vamos documentar todas as ausências, todas as tentativas que nós fizemos para que eles viessem.

*(Inicia-se conversa fora do microfone.)*

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Natanael, (ininteligível) um minutinho, por favor? Pede para o Rillo vir aqui, ou designar alguém do PT, pelo menos para dar quorum. Imagina, se vem alguém do PT, o Dr. Ulysses sai da reunião, não dá quorum. Por favor.

**O SR.** – Ô meu amigo. (Inaudível.)

**A SRA.** – (Inaudível.)

**A SRA.** – Economia doméstica.

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR.** – (Inaudível.)

**A SRA.** – (Inaudível.)

**A SRA.** – Economia doméstica.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Economia processual.

**A SRA.** – É. (Risos.)

**O SR.** – (Inaudível.)

**A SRA.** – Ela foi falar (ininteligível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Economia processual. Economia processual. Eu vou te falar. Depois, vocês falam mal dos políticos, dos maus políticos. Dos maus políticos. *Hã?* É, dos maus políticos. Bittencourt, ontem eu fiz audiência lá em Campinas, sobre a PUC de Campinas.

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Não. Imagina. Tem isso pra caramba, você fazer em Campinas, você fazer uma audiência sobre a PUC de Campinas.

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – Na PUC?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Não, na Câmara. Na Câmara. Mas teve uma coisa que pagou a audiência. Pagou. Apesar de toda a atenção, a gente estava depondo sobre a situação da recepção, trote. Aí, nós passamos um vídeo na tela, sobre a tal da bateria da PUC lá. E os pais dos alunos, que eram acusados de trotistas e agressores, estavam, assim, completamente indispostos conosco. (Ininteligível). Cara, a mulher, uma mãe de uma menina, viu a filha com a bateria falando aquelas barbaridades - nós estávamos no meio da sessão na Câmara - foi, levantou e

falou assim: “Menina, eu pago a faculdade mais cara do Brasil. Eu trabalho há 17 anos (ininteligível). Você não tem juízo! Você não tem vergonha! (Ininteligível)”.

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – (Inaudível.)**

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** E eu não estava entendendo porque ela estava nervosa, ela não ouvia (ininteligível). Aí, cara, no interior é completamente (ininteligível), repudiam essa coisa agressiva, tal, mas, quando ela viu a filha lá, falando toda aquela bobageirada (ininteligível.)

**O SR. –** Aqui, olha. Não, não, não, estou dizendo aqui olha, os vídeos. Não, não, os vídeos.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** ... seis e quinhentos. Seis e quinhentos. Seis e quinhentos. Não, e estava a mãe e o pai, eles vão tudo assim (ininteligível). No fim do mês, depois, nós podemos fazer (ininteligível.)

**O SR. –** E aí?

**O SR. –** Ô meu amigo.

**O SR. –** Tem quorum nisso aí?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Bom, tem quorum, mas... Vamos lá. Vamos lá.

**A SRA. –** A gente tem que ver... Não, espera um pouquinho, que tem... Acho que são duas vagas (ininteligível).

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Não, mas se vocês puderam ficar. Nillo!

**O SR. –** Espera aí. Espera aí.

**O SR.** – Quando é que você pretende... Ô, campeão. Quando é que... Para eu me programar para vir no dia.

**O SR.** – E aí? Não tem quorum?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Até o dia 30. Semana que vem nós queremos (ininteligível.)

*(A conversa retorna ao microfone.)*

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O Dr. Ulysses ainda está lá?

**O SR.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – *Hã?* É o João.

**O SR.** – Ô, João!

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – João!

**O SR.** – Já tem marcado (ininteligível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – (Ininteligível) o Rillo está aí. Não dá para chamar o Dr. Ulysses?

**O SR.** – Quem está faltando?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O Dr. Ulysses. Não dá para chamar o Dr. Ulysses, por favor? *Hã?*

**A SRA.** – Ou o Gianazzi.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ou o Gianazzi.

**O SR.** – Ele está na Comissão de Saúde.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – E o Gianazzi? Até o Capez ficou de vir, se for... Agora ele pode vir, o Capez. Já deve estar aí, ele se propôs a vir, pelo PSDB.

**O SR.** – Silvana, o Ulysses está na Comissão de Saúde.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Fala só para ele vir aqui, dar o quorum e ir embora, falar com o doutor... Por favor.

*(Inicia-se conversa fora do microfone.)*

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – *Hã?*

**O SR.** – Essa daqui não tinha sido a que (ininteligível.)

**O SR.** – Não, essa aqui eu já trouxe para o Adriano (ininteligível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Olha, Sr. João. Sr. João, aquela vice-reitora da Unesp foi convidada? Aquela... E o Cortina, foi convidado? O cara de Araraquara?

**O SR.** – Não sei. Quem sabe os nomes todos é o (ininteligível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Falta saber. A reitora da PUC, nós estamos dispensando ela, só vem o diretor de Sorocaba.

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É.

**A SRA.** – Boa tarde, primeiro, não é? Nós não conseguimos, com todo problema interno, tem uma (ininteligível). Eu vou fazer...



**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – (Ininteligível). Precisa ligar para o Vereador Pedro Tourinho.

**A SRA.** – Eu vou fazer, no fim da minha matéria de hoje, que eu sou da imprensa aqui.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É, eu sei.

**A SRA.** – Um texto, uma referência, eu queria, tipo assim, uma fala do senhor, para fazer (ininteligível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Pois não. Pois não.

**A SRA.** – Por favor.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Não, embora nós tenhamos ido para Campinas, porque eu imaginava que ia fazer as duas faculdades de medicina, nós só fizemos a PUCCAMP. Foi uma reunião difícil, porque ela foi realizada no... Teve todo o apoio da Câmara Municipal, mas, a sessão foi interrompida, começou às 9h40m, foi interrompida às cinco horas da tarde. Vários depoentes ficaram sem concluir. Foi uma reunião excelente. E eu posso dar o nome de todas as pessoas que depuseram.

**O SR.** – Vê com o pessoal se o Gianazzi está por aí.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Duas professoras depuseram, foi da PUC de Campinas. Foi importante. Depuseram um, dois, três, quatro... Sete alunos. Sete alunos. E nós fomos acolhidos lá pelo Vereador Pedro Tourinho e por demais vereadores. Foi muito importante.

**A SRA.** – A bancada... O Tourinho é da Bancada do PT?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Do PT, é. Médico, professor da PUCCAMP. E foi uma... Foi a primeira vez que a CPI saiu aqui da Assembleia Legislativa. Teve

uma repercussão enorme, enorme. Eu posso dar todas as referências dos textos. E tomara que a gente tivesse tempo para fazer todas as cidades do interior.

**A SRA.** – Ok. Obrigada. Já, já... Isso vai complementar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Tá bom. Obrigado.

**A SRA.** – Obrigada, deputado.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Quem?

**O SR.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ele não está lá? Eu acho que ele está com receio de descer. Ô João! Vai ligando para os gabinetes, que eu vou falando. Senão...

**O SR.** – Eu preciso fazer umas perguntas (ininteligível.)

**O SR.** – (Inaudível.)

**O SR.** – Não, ele veio naquela... No artigo 52, não é? Aquela visita condicional.

**O SR.** – Ah! (Ininteligível). Amanhã nós vamos lá, na tua cidade.

**O SR.** – *Hã?*

**O SR.** – Amanhã nós vamos lá, na tua cidade.

**O SR.** – Vai lá?

**O SR.** – Lá na (ininteligível), falar de direitos humanos.

**O SR.** – Ah! Me dá um toque aí.

**O SR.** – Condicional nada. Isso é comando imperioso.

**O SR.** – É, *né?*

**O SR.** – É, não é condicional nada. (Ininteligível) perder a eleição em Santo André, viu?

**O SR.** – Está mal, *né?*

**O SR.** – Eu converso... Desmarcou dois encontros que eu tinha com ele.

**O SR.** – O Ulysses vem vindo?

**O SR.** – (Inaudível.)

**O SR.** – (Ininteligível) que a gente não faz nada, senta em cima...

**O SR.** – Não, não adianta falar. Senta em cima. Senta em cima. Se quiser (ininteligível) o resto está mal. Está mal.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos lá.

**A SRA.** – O Ulysses está vindo, está chegando.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos lá.

*(A conversa retorna ao microfone.)*

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – João, todos os requerimentos a serem aprovados, que o Dr. Ulysses está chegando. Boa tarde. Dr. Ulysses, senta aqui, ao lado da Sarah, por favor. Por favor. Que bom. Boa tarde.

**O SR.** – Dr. Ulysses!

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado, *hein*. Vamos lá?

Comissão Parlamentar de Inquérito. Violações dos Direitos Humanos nas Faculdades Paulistas. Havendo número regimental, declaro aberta a 26ª reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito, constituída pelo Ato nº 56, de 2014, com a finalidade de investigar as violações de direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das universidades no Estado de São Paulo, nos chamados trotes, festas e no seu cotidiano acadêmico. Com a presença do Deputado João Paulo Rillo, líder da Bancada do PT, representando a Bancada do PT, na substituição ao – eventual, evidente – ao Deputado Marco Aurélio de Souza; José Bittencourt, PSD; Deputada Sarah Munhoz, PCdoB; Deputado Ulysses Tassinari, PV; e Adriano Diogo na presidência.

Peço ao Sr. Secretário que faça as leituras da reunião da ata passada.

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – Pela ordem, presidente.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Pela ordem, Deputado José Bittencourt.

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – Para solicitar a dispensa da leitura da ata da sessão anterior.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É regimental o pedido de Vossa Excelência. Então...

Bom, primeiro, havendo quorum, dou ciência a essa reunião que os senhores Gabriel Fernandes Ribeiro, Diego Ubrig Munhoz, Murilo Germano Sales da Silva, Rodrigo Bolini de Oliveira Lima, Flávio Augusto Miorim, Willian Tetsuo Yamagata e Roberto Chagas dos Santos não compareceram, mais uma vez, a esta CPI. Peço aos senhores advogados que se identifiquem e se comprometam a trazer a procuração a esta CPI dos citados que representam, num prazo de 48 horas.

Por favor, eu gostaria que os advogados pudessem usar da palavra, se identificar e se compromissar, que serão... Pode sentar, doutor. Tranquilo, pode sentar.

**O SR.** – Eu quero olhar para Vossa Excelência.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Pois não.

**A SRA.** – (Ininteligível) microfone sem fio.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Sem problema. Arruma um microfone sem fio, que dá a mesma ergometria.

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Obrigado. Bom, boa tarde a todos, a V. Exa., aos senhores deputados. Acredito que foram todos intimados, presidente? Meu nome é Jorge Coutinho Paschoal, advogado aqui em São Paulo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O senhor faça a sua fala, que depois eu farei a minha.

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Ah! Não, lógico, claro. Na verdade, eu gostaria de indagar se foram todos intimados, eu não soube se foram ou não. Eu sei que o Murilo... Eu estou pelo Murilo aqui. Viemos trazer as informações. Já falamos, até, informalmente. Pedimos acesso aos autos, até como advogados temos esse direito, como prerrogativa. E eu acho que a Casa defere e não tem nenhum problema com isso, respeita os direitos das pessoas a serem ouvidas. Respeita os direitos e as prerrogativas dos advogados. Mas, como na semana passada até houve o pedido e, devido a uma questão, que parece que essa Comissão foi para Campinas ontem e os autos não estavam em cartório e a gente só poderia ter ciência agora, a defesa, até para que a pessoa seja ouvida, o advogado precisa e a pessoa que vai ser ouvida precisa ter acesso, saber o que está nos autos. A própria secretária, que a gente estava... Que entrou em contato, disse que na sexta-feira não estavam encartados todos os documentos. Então, esse foi o nosso pedido, inclusive, feito já informalmente para Vossa Excelência.

Com relação ao prazo da procuração, não sei se o outro advogado se comprometeu, eu acho que deve ter se comprometido, o prazo de 48 horas é um pouco exíguo, Excelência. Eu, se eu pudesse propor para V. Exa., na OAB, ela até dá um prazo de 15 a 30 dias. Não vou pedir esse prazo aqui, lógico, não, não. E V. Exa. não precisa rir, porque não é isso que eu estou pedindo. Eu estou pedindo... Eu estou...

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – Uma questão de ordem, deputado. Eu quero... Uma questão de ordem. Dá licença. Uma questão de ordem, deputado.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Com a palavra, o Deputado Bittencourt.

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – A questão de ordem, ela tem supremacia na fala, ela tem prioridade na fala. V. Sa. juntou aos autos procuração?

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Só com relação à instituição Show Medicina.

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – Ah! Tá. Então...

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – O escritório juntou só com relação ao Show Medicina.

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – Então, V. Sa. só pode falar em relação à sua constituinte, aos demais não pode falar. Esse é o nosso pensamento, deputado-presidente e colegas aqui presentes. Então, V. Sa. se limite a falar a respeito da sua constituinte.

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Só uma questão de ordem.

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – Defendendo a sua constituinte.

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Se Vossa Excelência...

**O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD** – Os demais nomes colocados pelo Ilustre Deputado Adriano Diogo não têm, ainda, advogado constituído nos autos, de tal modo que o comando, o direcionamento, será dado pelo presidente. Essa é minha fala.

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Tá. Só poderia tomar...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Concluindo.

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Não sei se eu poderia falar, presidente, se o senhor me desse a palavra. Na verdade, a gente advoga para as pessoas também, juntaremos a procuração. O advogado, inclusive, pode ter acesso aos autos e falar para qualquer autoridade. Nós tivemos até uma discussão hoje, que está na... Está na... É o assunto... É o assunto do mês, a audiência com o ministro. Então, eu acho que os advogados têm o direito de conversar com as autoridades, usar da sua palavra. É uma prerrogativa do profissional, não para ele, mas para exercer

o direito de defesa em relação a uma pessoa, em relação a todos. Então, isso eu vou defender. Eu só estou pedindo... Eu não vou pedir o prazo de 30 dias, porque esse prazo de 30 dias, considerando que a Comissão já vem andando, vai se esgotar. Eu pediria a V. Exa. o prazo de uma semana, porque eu não consegui localizar os rapazes.

**O SR.** – Para a próxima segunda-feira, se possível.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Eu vou dizer uma coisa para o senhor. Terminou? Eu posso responder?

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Claro, claro.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O senhor já concluiu?

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Concluí, Excelência.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Muito obrigado.

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Toda.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado.

**O SR. JORGE COUTINHO PASCHOAL** – Eu fico aqui, Excelência?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Não, o senhor pode sentar. Muito obrigado. Eu quero deixar claro o seguinte: primeiro, os depoentes estão... Os depoentes citados estão sendo citados há mais de 15 dias. Passados os 15 dias, não foi apresentada nenhuma procuração em nome dos depoentes citados; segundo, os documentos aos quais o advogado se refere estavam nos autos, estavam nos autos, estavam à disposição. Não estavam encartados e numerados. Então, não é verdade que os documentos não estavam nos autos. Eles só não haviam sido... Agora, o que nós não podemos antecipar é a cópia do relatório. Porque só haverá documentos encartados nos autos, constantes dos autos, os documentos que nós acharmos necessários e suficientes. Esses estão todos à disposição. Todos, todos. Mas, já deferi, a partir do dia 12. E todos os documentos estarão encartados e numerados hoje. Hoje. No fim do dia.

Então, essas medidas protelatórias estão atrapalhando o andamento da CPI. Estão atrapalhando o andamento da CPI. Os alunos vieram, se comprometeram a voltar. Usaram o expediente que tinham que se retirar. Nós concordamos, desde que eles se comprometessem, em gravação, voltar. E até hoje não voltaram. Então, documentos há, os documentos estão à disposição, todos os documentos. O que Vossas Excelências querem não é ter acesso aos autos, querem ter cópia aos autos de mais de 9 mil documentos. Essa é a dificuldade. Acesso aos... Os autos são públicos, não há nenhum documento secreto, nenhum documento que foi utilizado, que vai ser utilizado no relatório, isso não existe. Os documentos que estão à disposição é que vão ser... Vão fazer parte dos autos e esses documentos serão entregues ao Ministério Público. Só.

Deputado João Paulo Rillo, vamos ao quorum? Vamos às deliberações? Para que o Deputado João Paulo Rillo possa ir...

**O SR. JOÃO PAULO RILLO – PT** – Para o Colégio.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Para o Colégio de Líderes? Deputado Bittencourt, vamos lá? Eu só quero saber se a... A vice-reitora da Unesp e o diretor Cortina, de Araraquara, foram convocados. Vamos lá. Vamos lá. Ah! Deputada Sarah Munhoz.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Requerimento nº 59. Nos termos do inciso II, artigo...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O prazo deferido, 48 horas para juntar as procurações dos citados.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Então, o Requerimento de nº 59. Nos termos do inciso II, artigo 34-B, do Regimento Interno consolidado, requiero à Comissão Parlamentar de Inquérito, constituída com a finalidade de investigar a violação dos direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das universidades do Estado de São Paulo, chamadas de trotes, festas e seu cotidiano acadêmico, a convocação de: Tiago Henrique de Souza, Lucas Furtado, Daniel Astun Cirino, Daniel Moreira Pacca, Marcelo Taricani, José Antônio Hersan Nadal, Rodrigo Gonzalez Bocos, Juliana Fugikava Oba, Felipe Patocs Tavares e Vitor Yuso Inada. Estudantes e ex-estudantes da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Frise-se que todos se inserem na condição de testemunhas. Justificativa: o requerimento tem por objetivo a apresentação de informações, por parte dos referidos, que ajudem a esclarecer eventuais casos de violação de



direitos humanos na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Em discussão. Não havendo inscritos, em votação. Aprovado.

Requerimento nº 60. Nos termos do inciso II, artigo 34-B, regulamento consolidado, requeiro à Comissão Parlamentar de Inquérito, constituída com a finalidade de investigar a violação dos direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das universidades do Estado de São Paulo, chamadas de trotes, festas e seu cotidiano acadêmico, a convocação de: Daniel Porto, médico e residente em radiologia na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Justificativa: o requerimento tem por objetivo a prestação de informações por parte do referido, que ajudem a esclarecer eventuais casos de violação aos direitos humanos nas Faculdades de Ciências Médicas da Unicamp. Em discussão. Não havendo oradores inscritos, em votação. Aprovado.

**O SR.** – Tem mais aí?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Tem mais dois aqui, que é coercitiva, agora, é rapidinho.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Nos termos do inciso II, artigo 34-B, do Regimento Interno consolidado, requeiro à Comissão Parlamentar de Inquérito, que constitui a finalidade de investigar a violação dos direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das universidades do Estado de São Paulo, nos chamadas de trotes, festas e seu cotidiano acadêmico, a convocação de: Roberto Teixeira Mendes, atual diretor da Faculdade de Ciências Médicas. Gustavo Tenório Cunha, professor do Departamento de Saúde Coletiva da Unicamp. Professor... Professor do internato e da residência médica da Unicamp. Gastão Wagner de Souza Campos, coordenador do CAE e professor do Departamento de Saúde Coletiva da Unicamp. Eloísa – com “e” somente – Helena Rubello Valler Celeri, coordenadora do CAE e professora do Departamento de Psiquiatria da Unicamp. Adiene Martins, psicóloga do Grapeme. Eliza Maria Tamashiro, psiquiatra do Grapeme. Luís Fernando Tófoli, professor do Departamento de Psiquiatria Social da Unicamp, pesquisador de violências no âmbito estudantil. Maria Ângela Reis de Góes Monteiro Antônio, professora do Departamento de Pediatria da Unicamp. Ricardo Mendes Pereira, professor do Departamento de Pediatria... Não, desculpe, me desculpe. Ricardo Mendes Pereira, professor de pediatria da Unicamp e coordenador geral da residência médica da Unicamp. Angélica Maria Bicudo Zeferino, professora da Faculdade de Medicina da Unicamp, membro da Abem, Associação Brasileira de Educação Médica. E Joana Froes Bragança Bastos, professora do Caism-Unicamp e coordenadora do estágio de... Dos internos. Frise-se que todos se inserem na condição

de testemunhas. Justificativa: o requerimento tem por objetivo a prestação de informações por parte dos referidos, que ajudem a esclarecer eventuais casos de violação aos direitos humanos nas Faculdades de Ciências Médicas da Unicamp. Em discussão. Não havendo oradores inscritos, em votação. Aprovado.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Para concluir, reitero que... As seguintes pessoas: Gabriel Fernandes Ribeiro, Diego Ubrig Munhoz, Murilo Germano Sales da Silva, Rodrigo Bolini de Oliveira Lima, Flávio Augusto Miorim, Willian Tetsuo Yamagata e Roberto Chagas dos Santos estão reconvocados. Já foi aprovada a sua convocação, eles estão sendo reconvocados na presente data. Não havendo mais necessidade de quorum, a sessão prosseguirá.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Não, não vai ler.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Não?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Não. Hoje não.

Não havendo mais necessidade de quorum, passaremos ao rito processual e informal da Comissão. Agradeço a presença dos Deputados João Paulo Rillo, Bittencourt. E Dr. Ulysses, se puder continuar conosco, senão, prosseguiremos a sessão. Vamos lá.

*Tá.* Obrigado. Vamos lá. Vamos começar a nossa parte.

Essa Renata é aquela que (ininteligível). Então, nós vamos aguardar.

O Show Medicina já está aí? O vídeo do Show Medicina? Vamos lá. Está à disposição? Cadê o Koba? Vamos ver, vamos conhecer o Show Medicina. Já que estão os advogados do Show Medicina, vamos ver o vídeo do Show Medicina. Ou a carta do... O Show Medicina está à disposição, o CD?

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – O (ininteligível) está tentando ver, porque o formato que veio, não está conseguindo abrir. (Ininteligível) aqui e foi lá em cima dar uma olhada. E a carta do Rodrigo, então (ininteligível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Então, qual é o problema? Precisamos ter a resposta, se eles mandaram um formato que não abre...

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – O (ininteligível) está vendo isso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – *Tá.* Então, vamos ler a carta do Rodrigo Bolini. Vamos lá.

Bom, um dos alunos que está sendo frequentemente convocado e insiste em não comparecer é Rodrigo Bolini de Oliveira Lima. Então, o Rodrigo Bolini mandou uma carta. Mandou uma carta, muito longa, que eu esperava ler na presença dele. Mandou uma carta, pôs uma carta na Internet, me citando. Então, na sua ausência, eu já vou fazer uma economia... Uma, eu dou para os meus amigos. Ele pôs uma carta na rede. Então, eu vou pedir licença...

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Pela ordem, senhor deputado.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Pela ordem, deputada.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – *É,* na verdade, não é na sua ausência. Ele foi convocado, hoje ele deveria estar aqui. E o documento é oportuno.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – *É.* Vamos lá.

“Caros, gostaria de tentar construir um panorama da situação atual. De acordo com a minha opinião, outro panorama, que é o Show Medicina. Isso porque o meu sentimento, compartilhado por muitos alunos da faculdade, não foi, em nenhum momento, colocado nesse processo. Desde o seu início, o processo ouviu, tão somente, apenas os ditos denunciadores”.

“A professora Heloísa, do USP Diversidade, em nenhum momento procurou qualquer aluno da Faculdade de Medicina da USP para ouvi-lo. E tanto as comissões de opressões, organizadas pelo professor Saldiva, quanto a da Assembleia Legislativa, sempre nos procuraram, com uma enorme lista de acusações em mãos, numa clara intenção de tentar nos levar à contradição e nos expor ao julgamento público, já enviesado a nos condenar”.

“Tudo isso, para corroborar a tese colocada: a Faculdade de Medicina da USP vive em regime de opressão sistemática. Venho aqui oferecer a antítese. A faculdade de medicina é um ambiente complexo, composto de vários subgrupos que divergem em opinião e, eventualmente, podem entrar em conflito, mas a opressão não é parte inerente do cotidiano acadêmico. Mas a opressão não é parte inerente do cotidiano acadêmico”. Eu é que estou tentando entender o português. “Assim, deixo-a para que vocês o façam”.

Eu quero interromper a leitura para pedir para a Secretaria da Comissão preparar a lista das oitavas de amanhã, quarta-feira, e de quinta-feira. Como é que vão ser os próximos dias? Para que nós, pelo menos os três deputados aqui presentes, tenhamos uma condição de nos organizar. (Ininteligível), o Show Medicina. Koba, por favor.

*(Inicia-se conversa fora do microfone.)*

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – (Ininteligível.) o Tourinho está tentando falar conosco?

**O SR.** – O Tourinho?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – (Ininteligível) o Tourinho.

**O SR.** – Liga para ele?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É, liga para esse vermelho aí.

*(A conversa retorna ao microfone.)*

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O Show Medicina.

“O Show Medicina foi criado em 1944, pelo Dr. Flerts Nebó. Foi concebido como um teatro satírico, cuja intenção era criar uma peça, uma farsa, para representar o momento vivido pela faculdade e para criticar possíveis vícios de conduta no ambiente acadêmico. O primeiro show, a título de curiosidade, teve como apresentador Paulo Vanzolini, à época, aluno da faculdade”.

Eu só estou fazendo questão de ler esse documento, para que todos tenham ciência, embora o aluno se coloque nessa condição de descomprometimento do seu juramento, da sua... Do seu descomprometimento, eu estou lendo o documento que ele colocou na Internet, que me cita, *né*, como torturador. Não tem problema nenhum. Mas, eu vou ler o documento na íntegra e vou responder linha por linha.

O que ele fez? Ele pôs esse documento na Internet e pediu uma reunião privada no meu Gabinete, com a presença dos seus tios, dos seus amigos e do círculo de relacionamento. E eu não tenho problema nenhum. Ele não está tendo coragem de vir ler o documento. Então, eu estou fazendo. Olha, é um documento de quase dez páginas, ou mais, mas eu vou ler na íntegra.

Os senhores advogados falam que aqui ninguém tem direito de defesa. Pois bem, Rodrigo Bolini mandou um documento, eu estou lendo o documento, que é a tese dele, que ele está apresentando. Embora ele não esteja sendo acusado de nada, porque o depoimento dele não demoraria mais do que meia hora, mais que meia hora. E ele está fazendo esse constrangimento todo, ligando para o Brasil, pedindo para ele não vir depor, para ele ser recebido no meu gabinete. Entendeu a vergonha que ele está passando? A vergonha pública? Mas, vamos lá. Faz parte. (*Barulho de aparelho celular tocando*). Pelo amor de Deus, alguém precisa ficar com isso aqui. Vamos lá.

Vamos lá, vamos ler o documento e vamos responder linha por linha.

Koba, fica com isso aqui, pelo amor de Deus.

Aí, ele faz um grifo, sei lá como é que eu vou chamar, uma aspas: “Como a faculdade, à época, tinha o corpo discente composto de quase exclusivamente por homens, apenas homens apresentavam o show”.

Aí, o Dr. Tassinari tem condição de falar “isso eu concordo”; “isso eu não concordo”. Ele não é do tempo do Flerts Nebó, mas, ele deve ter conhecido o Paulo Vanzolini por lá.

“O motivo pela qual...”. Estou brincando, Dr. Ulysses. “...pela qual a situação não mudou é explicado abaixo, nas perguntas”.

“O Show Medicina, em seguida, passou a se repetir anualmente na faculdade. Tornou-se tradicional, como é comum que ocorra na Faculdade de Medicina da USP, que é extremamente afeita às tradições. A história do Show não tem grandes sobressaltos, que eu conheça, até a década de 60. Nessa década conturbada da história do país, o Show fez a sua primeira crítica, e à sociedade, como um todo, em 1964. Nesse ano, em outubro, a apresentação dirigida por Antônio Dráuzio Varerella critica abertamente o regime militar. A partir de então, a situação no país vai se tornando cada vez mais tensa, como é de conhecimento geral”.

“As críticas dos alunos ao contexto do país, evidentemente, vai muito além de uma apresentação interna na faculdade. O Show, com seu alcance limitado, é bastante significativo nesse contexto. O processo culmina na prisão e desaparecimento de alunos da faculdade. Dentre esses alunos, três eram participantes do Show: Reinaldo Morano, preso por sete anos; Antônio Cabral, executado; e Gelson Reicher, também executado”.

“O medo se instaura no ambiente estudantil. Dúvidas quanto à continuidade dos eventos estudantis são levantadas. O medo impera em todos os ambientes, inclusive, nos ensaios do Show. Pessoas tinham medo de expor opiniões diferentes à oficial, pela perspectiva de punição. Detalhes desse processo, se vocês tiverem interesse em saber mais, podem ser perguntados ao próprio

Dráuzio Varella, ao Dr. Eduardo Berger, diretor do Show à época, e ao professor Telesforo Bacchella”.

“Gostaria de pontuar que esse é exatamente o período de maior força do feminismo no mundo. E imagino que, nessa época, o nosso pequeno grupo de teatro teria admitido mulheres, caso os alunos não tivessem tendo que lidar com as questões mais delicadas e urgentes”. Mais delicadas do que as mulheres, impossível. E urgentes também.

“Após esse momento de medo, que situa entre o fim da década de 70 e o meado de 90, o Show Medicina foi ocupado por pessoas com mentalidade conservadora. Essas pessoas tinham alto temor da conjuntura política. Logo, eram mais livres. Isso não significa que essas pessoas fossem criminosas, ou que apoiassem a ditadura. Apenas, que eram mais livres para se expressar. Durante esse período, houve conflitos entre o Show, o Centro Acadêmico, mais orientado à esquerda. Essas diferenças eram, sobretudo, políticas”.

“O próximo período corre como algo menos político. Isso no sentido de que as opiniões políticas do aluno não tinham relação nenhuma com o fato dos alunos participarem ou não do Show. É o período vivido até 2013. Participam do Show, em média, 16 alunos da turma por ano. Algumas turmas têm mais, outras menos. Metade é da ala masculina, metade é da Costura, a ala feminina. Os alunos entram para o Show, ou para o Chá da Costura, pelo vestibular, que são provas de seleção, que não selecionam ninguém, já que todos querem participar. Ninguém é impedido de entrar na instituição, apesar da divisão de gêneros”.

“Não se exclui nem os negros, nem os homossexuais, nem os nordestinos, nem os judeus, ninguém. Temos representante...”. Ainda bem que ele descreve que, além dos seres humanos, têm os homossexuais, os nordestinos, os judeus. “Temos representantes com todas essas características, que estão no Show, porque dele se divertem e nele se sentem bem, sem nele serem excluídos”.

“Os denunciantes citaram o nome de um dos integrantes do Show, que é homossexual, dizendo que ele estava lá para legitimar a ‘opressão’ – entre aspas. Tenho a dizer, a respeito disso, que no Show existem mais homossexuais assumidos – ponto. Ao todo, seis pessoas na ala masculina são homossexuais e estão no Show no momento, dado que o Show hoje tem 48 participantes nessa ala. Isso significa que quase 15% são homossexuais. E eles não são perseguidos. Havendo, inclusive, dois deles, composição de grande responsabilidade dentro do espetáculo”.

“Dentre os antigos participantes do Show, chamados ‘sapos’, existem inúmeros com essas características. Recomendo que, se quiserem se aprofundar nesse ponto, contatem o Dr. Eduardo Berger, já citei como ex-diretor e judeu, e o professor Maurício Seckler, ex-coreógrafo, responsável pelo balé do Show e homossexual. Citar o nome do aluno homossexual em público, como os

denunciante fizeram, foi desrespeitoso, dado que não havia ainda exposto esta característica à sua família”.

“Os ensaios do Show...”. É brincadeira... “Os ensaios do Show Medicina são, em geral, conduzidos em clima pueril e divertido, tanto da ala masculina, quanto da feminina. Não falarei nada sobre a ala feminina, uma vez que ela tem autonomia total e se auto-organiza. Não respondo por elas. Na ala masculina, os ensaios são divididos em três partes. Na primeira, os alunos se dividem em grupos para criar quadros. Nesses grupos fazem piadas, conversam sobre tudo e organizam os temas e encaixam as piadas. O clima não é, de maneira alguma, militarizado ou opressor, como alguns depoimentos levam a crer. Óbvio que, talvez, na minha opinião, seja visto com desconfiança. Sugiro, então, que se pergunte aos outros 47 participantes do Show Medicina”.

“Depois dessa etapa, os alunos se reúnem no teatro para o recado do diretor. Nessa etapa, a liberdade é total, até que o diretor comece a falar. As pessoas fazem piadas, cantam, dançam, jogam capoeira no palco, ficam nus, se quiserem. Temo nunca mais presenciar uma liberdade assim. Assim que o diretor começa a falar, as pessoas se sentam e ouvem com atenção, esperando a primeira brecha do discurso que permita uma intervenção cômica. A função do diretor, nesse ponto, é tentar informar aos alunos, sem dizer algo que possa criar piadas, que permitam voltar do caos, em geral, e do início de uma cadeia de piadas infundável que atrasem demais o andamento do ensaio. Na prática, isso é impossível. Os recados tendem a ser muito longos”.

“A última parte do ensaio é composta pelo coral e pelo balé. No balé, os participantes, a partir de um tema proposto pelo coreógrafo, escolhem músicas e, a partir delas, criam coreografias. Os temas são variados. E, em geral, o balé é composto, em média, de 15 músicas. O tema do ano passado foi a ‘Ópera do Malandro’, de Chico Buarque de Holanda”.

Agora eu vou falar, teve uma retrospectiva do Chico nesse domingo, que ele cantou a “Ópera do Malandro” inteirinha, maravilhosa. E me lembrei desses moços, gostaria que eles tivessem assistido.

“Uma dessas músicas”. Agora eu volto ao texto. “Uma dessas músicas foi a ‘Geni e o Zepelim’. Essa questão, que será melhor explicada no segundo panorama, trata do contexto da faculdade em 2014. No coral, um tema e uma música são escolhidos e os alunos são divididos em grupo, para criarem uma paródia. Os temas são quase todos relacionados à medicina, numa intenção única que é desrespeitar os direitos e ofender minorias, a intenção cômica é assim. Como nos outros quadros, não é veiculado nenhum discurso de ódio”.

“Outra questão frequentemente levantada como acusação é o segredo. Os participantes do Show mantêm em segredo tudo o que ocorre no show. Isso pode ser explicado por dois motivos: evitar que os quadros sejam conhecidos antes da apresentação, e manter um clima de mistério em

relação ao show, que os alunos acham divertido cultivar. Entretanto, ninguém é perseguido por revelar o que ocorre. Na realidade, eles são revelados com frequência, e a maioria dos alunos ouve falar do que ocorre no show. No fim das contas, o que sobra desse segredo é uma casca. Os alunos frequentemente sabem tudo o que ocorre no show, mas, continuam acreditando que existem mais coisas de que nunca ouviram falar. Não há perseguição aos que revelam o que ocorre no show”.

“O dito ‘suicídio social’ – entre aspas – tão alardeado pelos denunciante, é apenas uma brincadeira, que alguns alunos dizem, alguns calouros, uma brincadeira de mau gosto, mas, pouco lógica. Como poderiam 100 alunos, total de participantes do Show, levar a uma total exclusão de um universo de 1.100 pessoas, total de alunos da faculdade? Mesmo considerando que os antigos participantes ainda consideram absurda a ideia, visto que os médicos estabelecidos nunca se envolveriam seriamente numa questão tão pequena entre estudantes e que, mesmo que se envolvessem, ainda estariam em número muito reduzido para causar o mal que alardeiam que estaria causando. Além disso, conhecendo as pessoas em questão, duvido que se disporiam a algo tão baixo”. Palavras do senhor Bolini.

“Dizem, ainda, que existem diversos ‘sapos’ na congregação da faculdade, quando, na realidade, existem quatro, de 60 votantes. Para nós parece algo inverossímil a teoria de que eles possam controlar a opinião de alguém, como pregam os mesmos denunciante”.

“Além disso, é importante também esclarecer que a participação no Show Medicina é totalmente facultativa. Menos de 10% dos alunos participam. Não gera vantagens profissionais para quem participa. Existem outros grupos artísticos na faculdade de medicina, como o Grupo de Teatro Medicina e o Recital de Música dos Estudantes da Faculdade de Medicina, que são as alternativas a quem se interessa por outras formas de expressão artística. Evidentemente, não existem prejuízos por não se participar da instituição, visto que 90% dos alunos não o fazem, nem desejam fazê-lo”.

“Com esses argumentos, quis colocar que o Show Medicina não é uma herança da ditadura militar. Nem um ambiente excludente, que alimenta o discurso de ódio. Nem uma organização que visa violar sistematicamente os direitos humanos. O Show Medicina, para mim – Rodrigo Bolini, evidentemente – sempre foi uma ‘terra do nunca’ escondida na Faculdade de Medicina da USP”. Só falta o “Sexta-feira”. Vamos lá.

“Tema dois: os conflitos do ano de 2014”.

Pode ler, por favor.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – “Tema dois: os conflitos do ano de 2014”.

“Para entender o processo que ocorre agora, com a CPI instalada e as grandes matérias de jornal escandalosas sobre a FMUSP, é necessário, na minha opinião, revisar os dolorosos



acontecimentos de 2014. Coletivos feministas e de defesa dos direitos LGBT têm surgido por todo o país ao longo dos últimos anos, levantando bandeiras contra o machismo, ainda muito presente na sociedade. E contra a homofobia, que é ainda pior, na minha opinião, dados os inúmeros assassinatos que ocorrem contra homossexuais no país”.

“Na FMUSP não foi diferente. Coletivos com esses propósitos passaram a se organizar e lutar por essas causas dentro da faculdade. Eram eles o Núcleo Geni e o Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade. Também foi criado o Coletivo Construção, que lutava por ideias de esquerda, mas que compartilhava muitos membros com os outros dois grupos. Na realidade, o núcleo duro dos três era constituído basicamente pelas mesmas pessoas. Esses grupos se aproximaram de outros coletivos semelhantes na USP e de outras localidades. E, com isso, se fortaleceram”.

“Decidiram, então, voltar a olhar o próprio cotidiano acadêmico, pautando comportamentos da Atlética, que é a instituição que mais agrega membros na faculdade, excetuando-se, evidentemente, o Centro Acadêmico, que, por definição, nos agrega a todos. Voltaram a olhar, também, para o Show Medicina, que, pela divisão de gêneros e pelo segredo, lhes pareceu danoso. Coloquei aqui os motivos que me levaram a discordar dessa visão. Mas, a maioria das pessoas, ao ouvir falar do Show, tende a se escandalizar por esses dois fatos. Acredito que os coletivos de outros lugares tendiam a querer colocar o Show como alvo prioritário”.

“Entretanto, o contexto se complica e, nesse ponto, por um motivo em particular: vários dos alunos, que tomaram para si essas lutas, eram participantes do Show Medicina. Poderia até dizer que eram grandes entusiastas. Isso não é nenhuma contradição, em minha opinião. O ambiente de liberdade os atraía. E o Show não era chamado de autocrático ou homofóbico naquela época. Diziam pela faculdade, a título de troça, que passávamos a madrugada enfiando pincel no cu. A grande questão é: como a Ana Luiza Cunha, que oferecia a sua casa no interior para um churrasco, para os integrantes do Show, há pouco mais de um ano; o aluno Bruno de Oliveira, que colocava todos em seu Facebook, com o Silvio Barbosa no hospital, logo depois de seu acidente, junto de uma poesia sobre o acontecimento há menos tempo ainda; ou o Augusto Silva, que, em seu perfil do Face...”. Ele escreve mal, viu. “...lia-se: ‘trabalha na empresa Show Medicina’, ainda no início do ano passado, e criou o grupo de WhatsApp, do quadro do quarto ano do ano passado, duramente criticado por eles na Alesp, como essas pessoas agora franzem o cenho e acusam a plenos pulmões dos pretensos terríveis feitos de seus antigos amigos? Como o Tiago Moraes da Silva, que participou do Show Medicina por seis anos, de modo entusiasta, e desenhou o símbolo de todas as ralés do Show - ralé é um grupo responsável por uma função, como sonoplastia, cenografia e

contrarregra no espetáculo – e desenhou o sapo de chaveiro, em comemoração aos 70 anos do Show Medicina, passou a ter nojo do mesmo Show?”.

“A resposta é, na minha visão, que a imagem que o Show para o exterior fez impôs uma escolha a eles: ou abandonem e destruam o Show, ou abandonem a nossa luta. Nem consigo imaginar a luta de consciência que tiveram quando se viram nessa contradição. Eu imagino que se reviraram na cama noites seguidas, na dúvida, na tentativa de elaborar tudo isso. E então, se dividiram. Alguns sustentaram que o Show não era o que se via de fora. Outros, decidiram que concordariam com aquelas opiniões. Para eles era agora necessário se justificar. Por que ficaram tanto tempo? Se convenceram, então, que o espaço era tenebroso. Se convenceram, então, que o ambiente os impedia de sair, que sofreriam represálias se saíssem. Ideia essa que contrariava toda a evidência disponível, já que os outros alunos que saíram estão muito bem. E se convenceram de que a faculdade era podre por dentro”.

“Durante o ano passado, os coletivos entraram em conflito com a Atlética por diversas vezes. Como não sou parte de nenhum dos dois grupos, contrariando o que foi veiculado, de que o SM é composto por veteranos da Atlética, imagino que vocês devam ter entrado em contato, também, com os responsáveis pela Atlética e me abstenho a comentar esses fatos. O que é importante é que isso gerou um clima particularmente tenso na faculdade, logo antes do início dos ensaios do Show. Entretanto, até aí, a maioria dos integrantes do Show estava neutra”.

“O primeiro atrito foi uma reunião dentro da Costura, marcada pela Ana Luiza, para discutir a fusão das duas alas do Show. Pelo que sei da reunião, a posição da Costura foi contrária a isso. A Ana Luiza decidiu abandonar o grupo. Imagino que fosse uma vontade dela, pelos motivos acima expostos. Mas, esta é uma opinião pessoal. Reitero: sei que existem meninas da Costura com a mesma opinião. E acredito que a Ana poderia ter catalisado o fortalecimento dessa opinião se ficasse, mas ela decidiu por outro caminho”.

“O próximo passo foi dado por Augusto, namorado da Ana, que decidiu fazer acusações contra o Show nas comissões de opressão. E isso foi visto como represália. E os integrantes do Show consideraram as acusações injustas. Alguns amigos próximos dele se afastaram por esse motivo. Ele classificou esse afastamento como perseguição. Imagino que já tivesse passado muito tempo no processo de contradição e nele já havia decidido que o Show era uma herança da ditadura. Como já disse acima, discordo disso. Não vejo motivo algum para acreditar nisso. A ditadura teve influência negativa em toda a sociedade, mas não a moldou”.

“Em seguida, seis meninas decidiram prestar vestibular do Show Medicina. Dado o contexto, os participantes do Show já haviam discutido o assunto. Sabíamos também a posição oficial da Costura. Decidiu-se, levando em consideração divergências internas, que, pelo menos

naquele ano, a divisão se manteria. Quando vieram as meninas para prestar o vestibular, comunicamos a elas a decisão. A maioria reagiu, como é de se esperar de um protesto, opondo-se à decisão e postando-se em frente ao local da prova. O assunto, então, foi discutido no átrio da faculdade. A posição foi, até aí, louvável na minha opinião. Apesar das diversas ofensas que elas lançaram sobre nós, abriu um espaço para a discussão e influenciou diversas pessoas”.

“Nesse mesmo dia, o Tiago postou em seu Face - pois é, muito da história ocorre no Facebook, faz parecer até um pouco cômico - que se antes tinha vergonha de ter participado durante seis anos do Show, agora sentia nojo. Nojo das outras nove pessoas da sua turma do Show. Nojo dos outros integrantes. Nojo das meninas da Costura. Nojo de mim. Nojo do Yoshi? Não sei exatamente como foi a reação de cada um, mas, no geral, as pessoas se sentiram ofendidas com isso. Várias pessoas, eu imagino, se afastaram dele, o que se espera de uma pessoa quando alguém diz que tem nojo dela. Ele se disse perseguido depois disso, mas, o que é ser perseguido por uma opinião? É perseguição não querer contato com alguém que diz ter nojo de você?”.

“Depois disso, algumas das meninas prestaram vestibular, decidiram participar da Costura - uma já participava - entraram e lá ficaram por duas semanas. Ficaram até o dia do fatídico que marcou uma quebra importante. Nesse dia, algumas meninas do Geni subiram até o quarto andar da faculdade e bateram palmas durante meia hora em frente ao local onde ocorria o ensaio do coral. O ensaio foi interrompido durante este tempo, porque ele consistia em cantar as músicas que seriam apresentadas, e que não queríamos que se soubesse antes da apresentação. Passado esse tempo, alguns membros saíram e pediram educadamente para que elas deixassem que o ensaio continuasse. Quem fez o pedido não era nem alto, nem forte, nem atlético. E, até aquele momento, era um membro dos coletivos. Algumas delas, então, gritaram, apontaram o dedo, ofenderam esse rapaz, ofenderam os outros. E, após alguma conversa - não perdemos a polidez em nenhum momento - se retiraram”.

“Mais tarde, já na Alesp, elas se referiram ao acontecimento como: fomos cercadas por vários homens altos, fortes e atléticos, que tolheram nossa liberdade de estar lá. Não acredito que pedir para que descessem seja tolher liberdades. É um pedido, não houve uso de força. Não ocorreram ofensas de nossa parte. Acredito que, em qualquer outro evento em que batessem palmas em frente, os participantes sairiam e pediriam para que parassem e se retirassem. Mesmo assim, depois desse dia, as meninas que haviam entrado para a Costura saíram. E todas as pessoas que participavam, ao mesmo tempo, do SM e dos coletivos, foram expulsas dos coletivos”.

“A partir daí não ocorreram atritos, até o episódio do túnel. Não comentarei o episódio em si a fundo. Foi um erro que deriva de à época não sabermos que aquele grafite era uma obra oficial da Prefeitura. Acredito que poucos paulistanos sabiam. Pedimos desculpas publicamente. Pagamos a

restauração e ajudamos na pintura. Isso tudo sendo acordado com a própria Prefeitura. O pagamento foi, em parte, a menor, feito com o pouco dinheiro que tínhamos em caixa. O Show é financiado exclusivamente por ex-integrantes, não utiliza dinheiro público. E, em parte, maior parte absoluta, feita com as economias do diretor à época, Silvio Barbosa, economias essas feitas ao longo de toda a vida, com o dinheiro poupado sendo depositado em uma poupança. Esperamos que ele possa ser pago um dia com arrecadação futura. Nesse episódio, alguns dos membros do coletivo e outras pessoas com aversão ao SM aproveitaram o ocorrido para publicar as acusações na mídia”.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – “O próximo acontecimento foi da apresentação do Show Medicina. A apresentação é dividida em vários quadros. O que é dito em cada um é a opinião das pessoas que produzem e que os produziram, não do grupo como um todo”.

Isso é importante, *hein?* O cara é inteligente.

“A apresentação é dividida em vários quadros. E o que é dito em cada um é a opinião das pessoas que os produziram, não do grupo como um todo”.

É bom para os advogados ficarem atentos.

“A apresentação foi extensa. Muitos assuntos foram abordados. A maior parte se referiu ao cotidiano do hospital, ou foram críticas à desvinculação do Hospital Universitário. Havendo, inclusive, críticas à medicina não humanizada das organizações sociais. Algumas porções tratavam dos acontecimentos políticos da faculdade. Dentre eles, havia o quadro do quarto ano. Nele, o militar tolhe os comentários do grupo diversas vezes, qualificando-os como ofensivos. Os comentários eram todos piadas, mas não discurso de ódio. E não tinham a intenção de ferir minorias. Felipe Scalisa se identificou no personagem militar, apesar de, em nenhum momento o nome “fiscaliza” ter sido usado para se referir a esse personagem durante a apresentação, como alegam alguns acusadores”.

Meu Deus! Ainda bem que eu não almocei hoje.

“A parte que foi extensamente usada na CPI, em que esse personagem é colocado numa entrevista com a Marília Gabriela. Disse, nesse momento, que o personagem luta pela liberdade de opiniões, iguais as dele, e faça piada com o uso das expressões ‘falácia’, em nota de repúdio”.

“Outro ponto criticado foi o balé. Como já disse, o tema era ‘Ópera do Malandro’. E nele havia a coreografia da música ‘Geni’. O Coletivo e outras pessoas tomaram isso como uma crítica. Entretanto, há que se atentar para alguns pontos. Primeiro, que a coreografia é muito semelhante a outras apresentações dessa música, no contexto da ‘Ópera do Malandro’”. Nunca vi. “Inicia-se com a imobilidade de todos os membros, menos de Geni. Progride para movimentos rítmicos, de arremesso, sem em direção à plateia”. Vamos tentar entender o português. “Progride para

movimentos rítmicos, de arremesso, sem em direção à plateia. Segue-se um apedrejamento franco de Geni. E termina com a vitória da Geni, em que ela empurra os apedrejadores, eles caem em todas as direções. Esse último movimento foi totalmente ignorado na Alesp”.

“Em segundo lugar, a intenção nunca foi ofender os coletivos. O coreógrafo daquele ano está entre os que apoiavam as demandas dos coletivos. E o ator que interpreta Geni era membro atuante central nos coletivos, até ter sido expulso no episódio relativo ao relatado acima. Reitero que a apresentação não propagou o discurso do ódio”.

“Em seguida, ocorreram as eleições para o Centro Acadêmico. Duas chapas concorriam, com diversas pessoas ligadas aos coletivos, a outra com pessoas neutras, com grande afinidade com a gestão anterior. A chapa da continuidade venceu. Alegou-se que as instituições da faculdade haviam pressionado os alunos para votar contra a dita chapa dos coletivos. Não vejo como isso pode ter ocorrido, por vários motivos. Primeiro, o voto é secreto. Se alguém votasse nessa chapa, ninguém saberia, considerando-se que, aqui, essa pressão poderia ocorrer, o que considero extremamente inverossímil. Segundo, tanto os participantes do Show, quanto da Atlética, apoiaram abertamente a chapa dos coletivos, o que inclui uma ex-diretora da Atlética, que pertence aos coletivos, mas não acredita na tese da faculdade intrinsecamente opressora. E um ex-diretor do Show, Rodrigo Bolini, eu”.

“Depois, foi marcada uma reunião na Alesp. O representante do Show Medicina convocado não compareceu. O motivo: tínhamos medo da repercussão das acusações na mídia e acreditávamos que a repercussão seria negativa, não importa o que eu dissesse, visto que, o que chamaria mais atenção na matéria seria o escândalo”.

Então, ele afirma que ele não está comparecendo, que ele tem medo de ser exposto, em função disso que ele não aparece. Bom, também, a senhora não é advogada ainda contratada, é do Show. Então, vamos nos ater ao Show.

“...chamaria mais atenção na matéria seria o escândalo de tais denúncias, cujo teor era imprevisível, dado o exagero ou a calúnia envolvidos, associado à instituição da fama da Faculdade de Medicina. Decidiu-se que a preservação do nosso amigo era mais importante do que o contraponto. Não acreditávamos, também, que as acusações seriam construídas, como foram, de forma a amplificar ao máximo o escândalo. Muito foi dito a respeito dessa Assembleia, mas nada foi dito a respeito do discurso do Dr. Heraldo Morano naquele dia em que disse: ‘não se faz boa política com ressentimentos’”.

“Quanto ao processo no Ministério Público, comparecemos e tentamos colocar a nossa visão da situação de justiça. Aproximando o momento atual, temos a CPI. Esse processo foi anunciado pela primeira vez em uma reunião na comissão de opressões da faculdade - Saldiva, leia-se. Quando

anunciou, Felipe Scalisa fez questão de reiterar que uma CPI tem o poder de quebrar o sigilo bancário, telefone, mensagem de celular, WhatsApp, Facebook, email. Todas as pessoas são alvo de investigação. No caso, como estão em investigação todas as faculdades, essa CPI tem o poder de devassar todos os dados, por volta de cinco milhões e cinco mil pessoas. Esse poder me parece algo terrível. Inicia-se aqui o período do medo, o clima de perseguição na faculdade. Há pessoas que conversam baixo. Há boatos de escutas nos mais diferentes lugares. Abaixam os olhos ao ver algum acusador e temem comentar sobre o caso. Instaurou-se o clima de ‘caça às bruxas’”.

“Há poucas confraternizações, sempre o mais longe da faculdade possível. A CPI também se organiza de modo acusatório. Primeiro são ouvidas as supostas vítimas, cria-se o barulho na mídia. Em seguida, são chamados os dirigentes das faculdades, que são pressionados a prometer punições. Só então, são convocados os acusados, para serem atacados com perguntas de intenção que os incriminaria, expostos ao público, humilhados e submetidos a acusações. Suas cabeças são postas como troféu. Se o problema é cultural, por que nenhum outro aluno da faculdade foi convidado para falar a respeito. Existem mais de mil outros alunos. Onde está a voz dessas pessoas? Se o problema é cultural, por que não se faz a inquisição de outras pessoas da Faculdade de Medicina no mesmo tom?”.

Aí que vem o elogio a minha pessoa.

“Parafraseando Paulo Freire sobre os deputados, cuja trajetória política, até esses tristes eventos, eu respeitava muito: quando a vida não é libertadora, o sonho do perseguido é tornar-se perseguidor”. Obrigado. Vamos lá. Tenho que ler todo esse besteiro aqui, meu Deus!

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É, já que o cara não vem, tem que ler para ele, *né*. Vamos lá. André Yoshida. Aí é que vem uma calúnia sem tamanho, mas, vamos ler.

“Gostaria de discutir também o uso político da morte de nosso amigo André Yoshida, durante as audiências da CPI. Ressaltando que não estou falando sobre o caso Edson, ocorrido em 99, mas de outro aluno falecido, em 2013. Ele se jogou do Viaduto Sumaré em novembro. André, conhecido como Yoshi, cometeu o suicídio em novembro de 2013. Inesperado, doloroso, trágico. Esse acontecido nos atingiu, a todos, como uma bala de canhão. Não sabemos os motivos. Aventei vários, alguns amorosos, outros familiares, outros existenciais. Nunca relatei o Yoshi ao Show Medicina e depois essa relação foi feita, me senti aviltado. Ele nunca sofreu humilhações, ou se sentiu pressionado. Era um líder do Show. Muito se divertia nos ensaios. Sua morte, talvez, tenha relação com o fato da incidência de suicídio ser maior entre homens, orientais, estudantes de

medicina. O suicídio deveria estar sendo discutido como tema de saúde pública, nunca culpabilizando os amigos da vítima. O modo e o fato que foi tratado, na minha perspectiva é, inclusive, deletério, para uma discussão franca e esclarecida do tema. Saudações universitárias. Rodrigo Bolini de Oliveira”.

Eu tenho todas as respostas, mas, eu pretendo dar essas respostas nos autos. Nos autos. Então, fique registrado que foi lida a carta que Rodrigo Bolini colocou na Internet, dando a sua versão sobre o tema. E está feita a minha parte.

Tem como pôr o vídeo? Já foi liberado? Abriu, não abriu, o Show Medicina?

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – Não. (Ininteligível) a conversão vai levar umas quase cinco horas para acabar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Tá bom. Então, vamos dizer, registrar que a versão que foi entregue do Show Medicina é uma cópia difícil, vamos tentar viabilizar. Por enquanto não foi entregue nada para nós do último Show Medicina, tá bom? Foram dadas as versões anteriores, a que deu está se tentando fazer a conversão. Então, por enquanto, não chegou aos autos da CPI a última versão do Show, que foi protelada várias vezes. Entregaram, mas entregaram de uma forma praticamente impossível. Estão procurando um computador mais apropriado, para que se possa abrir. Mas, não tem problema.

Koba. Eu queria pedir, Koba... Koba, eu queria pedir que fosse legendado, contratado um serviço para legendar todos os Shows Medicina, por favor. Por favor, não perder essa perspectiva, principalmente o último, tá bom?

Mais alguma coisa a ser dita? Quer passar a cena do menino lá, para que todo mundo possa ver? Do escorregão, que ele tentou entrar no Serviço de Verificação de Óbito? Tem como abrir isso, Koba?

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Por favor. Por favor. Vamos consignar. Vamos consignar, por favor, o escorregão.

Sarah, terminei a leitura. Dr. Ulysses, só vou tentar mostrar o vídeo que a faculdade mandou a respeito daquele escorregão que o aluno sofreu e bateu na porta do Serviço de Verificação de Óbito. O Show Medicina não conseguimos abrir. Vai tentar abrir, vai demorar umas quatro, cinco horas e pedir para legendar. Dois minutos, dois minutos.

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – *Hã?* Acabou. Eu não vou ler a resposta, porque é muito longa. Isso daí, depois a gente responde nos autos.

Eu quero dizer que a prestação de contas do Show Medicina também não foi entregue, embora ele alegue que é comunitária, que tem um doutor que pôs... Não tem nenhuma prestação de contas do Show Medicina, até agora, entregue.

*(Inicia-se conversa fora do microfone.)*

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – *Hã?* Não. Acabou. Só vamos passar esse vídeo e vamos embora. (Inaudível) continua, *né?*

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ficaram (ininteligível). Foi bonito, não é? *É?* Podia achar, *né?*

*(A conversa retorna ao microfone.)*

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Koba, depois podia ver o que saiu da Bandeirantes nesse especial, que a Bandeirantes podia...

**A SRA.** – Vai fazer essa semana toda.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Eu sei, mas recupera a de ontem. Era bom recuperar a de ontem, que a gente pudesse ver.

**A SRA.** – São cinco episódios.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Cinco episódios. Precisava salvar esses episódios.



**A SRA. – PCdoB** – Porque a Esalq...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Esalq? Ah! Foi da Esalq ontem?

**A SRA.** – Ontem foi da Esalq e (ininteligível).

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vê se o Danilo está descendo, se ele pode salvar a da Band, de ontem. Olha o Danilo aí. Dan, depois você tenta salvar o da Bandeirantes de ontem, por favor? Do Smaniotto.

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Achei um primo do Smaniotto que trabalha na TV Bandeirantes de Campinas, você acredita? (Risos). É câmara. Coisa impressionante.

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Do Smaniotto? Ah! É verdade. Boa. Boa ideia. Boa ideia.

**A SRA.** – Se você quiser, eu falo com ele.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Você fala com ele, por favor?

**A SRA.** – Falo já.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Que legal.

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É. É. Legal, boa ideia.

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Convida o Smaniotto para vir. Ele é tão boa pessoa.

Vamos lá, pessoal. É muito rápido. O vídeo é muito pequeno, porque aí é a parte de dentro do SVO. Espera aí, Dan. Espera aí. A porta está fechada, a porta vai abrir e ele está apoiado no corrimão e ele dá um sem-pulo na porta. É muito rápido.

**O SR.** – Coloca lento.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Coloca lento, Dan. Olha, aquela é a porta, aqui está a entrada do SVO. A câmara está com foco na porta. Olha aí como vai ser. Abriu. Olha ele lá! Está vendo, no degrau? Volta, Dan. Olha lá. Pá! Ele não conseguiu... Foi um... Vamos lá. Pum! Olha lá, está vendo? Volta Dan. Olha lá. Volta. É um gênio, *né?* Olha lá, Dr. Ulysses.

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Filho de médico de Bauru. Casal de médico. Vê se é mole. É uma vergonha esse país aqui. O cara chutando a porta do necrotério. Vamos. Volta. Devagarinho, Dan. Olha ele lá. Olha ele lá, de bermuda, camisa azul marinho. Volta. Olha lá. Não precisou nem descer o último degrau, ele escorregou do terceiro degrau.

**A SRA.** – Ele esbarrou no (ininteligível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Esbarrou, é. Olha lá. Apoiado no corrimão.

**A SRA.** – De onde ele cai, para a porta, ainda faltam três degraus.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Deixa eu ver do outro lado, que o nosso aqui é mais... Está vendo? Dá para ver? É um gênio, não é? Olha lá.

**O SR.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Olha o escorregão dele.

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Olha lá. Dan. Se você não existisse, você teria que ser inventado, viu? (Risos). Está dando para ver, Dr. Ulysses?

**O SR. ULYSSES TASSINARI – PV** – *Aham.*

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O senhor, que é uma pessoa ponderada, que sabe tudo daquela Casa, a Sarah também é de lá.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Olha, faltam... Ele está no terceiro degrau, portanto, ele não escorregou.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos lá. De novo Dan. Bem “slow motion”. Vamos lá. Ainda ele volta, nem caiu. Volta. É, onde está apoiando, olha.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Cai o quê?

**O SR.** – A maçaneta, quando volta, olha, cai alguma coisa.

**O SR.** – É, quebrou a porta.

**O SR.** – Quebrou a porta, saiu o pino da maçaneta.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ali que cai? Deixa eu ver?

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É. É.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Quebrou uma pecinha.

**O SR.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Nem vai falar... Segura essa porta aberta para a gente ver o trinco caindo. Onde está o trinco?

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – O trinco, ele cai bem devagarzinho. Tem que ter muito “slow motion” para ver.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ah! Por dentro.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – É, por dentro. Ele cai ali, olha. Um pouquinho mais para frente.

**O SR.** – Ele cai quicando.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ah! Estou vendo. Olha lá. É um gênio, *né?* Pai e mãe médico, *hein?* Imagina se fosse... Ave Maria!

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – A questão é que os pais, às vezes, fazem tudo para que os filhos...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – *Hã?*

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Às vezes, o que, assim... O que me dói é que, às vezes, um pai e uma mãe desses trabalharam tanto, deram tanto plantão...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – A vida toda, é.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – ...para poder pôr um filho desse na faculdade (ininteligível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É. Olha o funcionário lá. O funcionário tomou o maior susto, Sarah, olha. O cara acorda.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Estava dormindo!

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Aí vem todo mundo. Deixa seguir a  
cena.

**O SR.** – (Inaudível.)

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Não, mas alguém ressuscitou aí? Não, porque...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Estava todo mundo dormindo, você vai  
ver, todo mundo aparece meio sonado.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – É, eu acho que foi isso. (Risos.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vocês vão ver. É muito gozado.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Claro que isso não faz parte da história.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Seria gozado se não fosse o necrotério.  
O cara tem uma vocação necrófila. Nelson Rodrigues.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Vamos ver. Espera aí. Vamos ver.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Olha lá. O homem acorda assustado.  
Agora vão vir os outros, quer ver? Deixa seguir a cena, Dan. Pode deixar. Olha lá, chega todo  
mundo assustado. Olha o cara.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Só foi um esbarrão? Olha lá. Olha lá. O cara vai  
pegar a pecinha.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Olha lá, o cara está de chinelão. Olha  
lá. Aparece todo mundo. *Hã?*

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Nada, eles acharam que era alguém que tinha  
ressuscitado.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Não, o pessoal veio lá. Deve ser o pessoal que faz as autópsias.

**O SR.** – São familiares, às vezes.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Familiar? Não, não, é tudo uniformizado, tudo uniformizado. Esse aí pode ser que era familiar, esse aí que toma o susto.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – O de chinelo “Havaina”? Quer dizer, não sei se é “Havaiana” o chinelo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Aí deitou, deitou. Acordou, voltou todo mundo...

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Voltou a dormir. Está morto mesmo.

**O SR.** – Vai ver que estava morto. Olha lá!

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Espera, *né?* Acabou? Acabou.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos Dan, vamos. Começa tudo de novo. Eu vou mandar para o bispo, vou falar: “Cardeal, olha, neguinho está defenestrando até...”.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Espera aí, esse aí foi chamar alguém.

**A SRA.** – Quem é esse? Qual é o nome desse aí?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Quem?

**A SRA.** – Esse aí, o que chutou a porta, qual é o nome dele, você tem?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É o Turra. Turra, de Bauru.

**O SR.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Leonardo Bicalho.

**O SR.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – De Castro, não é?

**A SRA.** – (Inaudível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Bicarato Turra. Filho de médico e de médica. O garoto que tropicou na porta do necrotério. Imagina como ele estava doido, para querer invadir o necrotério. Esse vai entrar para história da faculdade, *hein*, Dr. Ulysses?

A última vez. Vai, Dan. Olha lá, o povo chegando assustado. Esse é Show Medicina, *hein*? É do enredo, faz parte do enredo. Esse aí os advogados têm que se preocupar, que é do enredo Show Medicina. Olha lá. *Hã?* Olha o trinquinho lá, caindo. Bum! Ouvi até o barulho, agora.

**A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB** – Quando a porta fecha é que dá para ver alguma coisa.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Deixa aparecer os funcionários. Olha, o homem vai acordar. (Ininteligível), você fica ligando à noite lá no SVO, para ver atestado de óbito, olha como eles ficam lá de noite. Vamos encerrar? Aquele outro não dá para abrir, não é Dan? Aquele do Show Medicina?

**O SR.** – Está (ininteligível.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Está acontecendo? *Tá* bom. Muito obrigado. Já estamos indo para a redação final, viu, doutor? Depois falamos com o senhor. Depois vocês preparam as audiências de amanhã e de quinta, por favor? *Hã?*

Não havendo mais nada a tratar, está encerrada a presente sessão. Muito obrigado.

\* \* \*